

A ação missionária e seus agentes

A animação missionária da pastoral

de Stefano Raschiatti, sx¹

A missão é o elemento estruturante da identidade e da atividade da Igreja. Com efeito, os discípulos e as discípulas de Jesus mantem viva Sua memória vivendo como Ele viveu e anunciando o seu Evangelho a todos os povos. Tudo o que a Igreja deseja realizar é tornar presente o Reino de Deus no mundo e na história. Consequentemente, ela sente-se sempre impulsionada a ir ao encontro dos pobres e dos outros, porque isso constitui a essência, a dinâmica e razão de seu próprio ser.

Hoje essa missão, enquanto tarefa primordial, se expressa num quadro complexo de situações e de interlocutores. Antes de tudo, indica uma dimensão paradigmática que diz respeito ao *jeito de ser* da Igreja, à sua natureza mais íntima, àquele impulso interior que faz com que ela saia além de si mesma (cf. EG 15).² Consequentemente, se desdobra em *projetos* e *âmbitos* que dependem de contextos e circunstâncias específicas.

DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS DA MISSÃO

O Decreto *Ad Gentes* do Concílio Vaticano II chamava de *missões* “àquelas atividades características com que os anunciadores do Evangelho, indo pelo mundo inteiro, enviados pela Igreja, realizam a tarefa de pregar o Evangelho e de implantar a mesma Igreja entre os povos ou grupos que ainda não creem em Cristo” (AG 6). Todavia, esse conceito entrou em crise quando não se conseguiu mais distinguir com precisão um “território cristão” de um “território não-cristão”, ou a relevância de um âmbito “pré-cristão” em relação a um âmbito “pós-cristão”, na mescla global que tirou do cristianismo qualquer hegemonia territorial. Quem são hoje os grupos e os povos ainda que não creem em Cristo?

A ação missionária, a partir da segunda metade do século XX, sofreu assim um *profundo deslocamento*. Este deslocamento justifica-se, principalmente, com as mudanças epocais da história do Ocidente, em que transformações exponenciais ocorreram em todos os níveis da realidade humana mundial, graças aos avanços dos mercados e da tecnologia (cf. GS 4). Tudo começou ficar inexoravelmente revirado e acelerado depois de épocas na história em que as coisas demoravam muito para acontecer. De um quadro de estabilidade, ordem, lentidão, previsibilidade, controle, segurança, no qual os indivíduos se submetiam às instituições e tudo seguia seu caminho, se passa para uma conjuntura instável, dinâmica, imprevisível, fora de controle, extremamente complexa, no qual o indivíduo –

¹ Pe. Stefano Raschiatti, missionário xaveriano, italiano, no Brasil desde 1990, é mestre em Teologia Dogmática com Concentração em Missiologia pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, SP, doutorando em teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Foi Secretário Executivo do Centro Cultural Missionário de Brasília, Assessor do Conselho Missionário Nacional e da Conferência dos Religiosos do Brasil. Atualmente é diretor do Centro Cultural Conforti em Curitiba, PR.

² Cf. FRANCISCO. Discurso do Santo Padre aos bispos responsáveis do Conselho Episcopal Latino-Americano por ocasião da Reunião Geral de Coordenação, 28 de julho de 2013. Para essa dinâmica, esse “impulso interior”, deuse o nome de *missionariedade*, que poderia indicar uma fusão entre as palavras “missão” e “espiritualidade”.

livre e autônomo – tem a possibilidade de acessar a tudo, a todos e ao tempo todo, mobilizando pessoas, criando relações, produzindo, construindo conhecimento sem passar pelas instituições.

Hoje, a sociedade global está experimentando uma verdadeira convulsão por causa da profundidade, da rapidez e da liquidez de como essas transformações vem acontecendo e afetando o mundo todo: mudanças de hábitos, de hierarquia de valores, de cosmovisão, de percepção da realidade, de sistema de relações, de projetos de vida, de construções identitárias, etc. Tudo muito junto e misturado ao mesmo tempo, numa pluralidade de manifestações atordoante e com expressões cada vez mais volúveis. As discípulas e os discípulos missionários, para os quais “não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração” (GS 1), vivem hoje nesse cenário:

Enquanto, em outros períodos da história, os discípulos missionários precisaram dar as razões de sua esperança como consequência de critérios firmemente aplicados, em nossos dias, são os próprios critérios que vêm experimentando abalo. Para não poucas pessoas a incerteza sobre como julgar a realidade e com ela interagir é muito grande. Por isso, estamos em uma mudança de época, pois ela já não atinge somente este ou aquele aspecto concreto da existência. As mudanças de época atingem os próprios critérios de compreender a vida, tudo o que a ela diz respeito, inclusive a própria maneira de entender Deus.³

Nesta conjuntura, a noção de “missão” passa por uma inevitável “desterritorialização” ao assumir outra dimensão muito mais ampla e global, pois a realidade mundial como um todo torna-se de agora em diante uma grande “terra de missão”. Todavia, esse deslocamento não diz respeito somente a uma questão sócio-cultural: pelo contrario, penetra adentro num impasse propriamente teológico. Com efeito, da mesma forma que não haveria mais sentido falar de missão somente como primeiro anúncio aos não-cristãos, haveria, por acaso, sentido continuar proclamando Jesus Cristo como “o mediador e a plenitude de toda revelação” (DV 2), diante da pluralidade das diferentes religiões e do direito à liberdade religiosa? Por que motivo precisaríamos afirmar a necessidade de pertencer à Igreja Católica (cf. LG 4), se as pessoas podem conseguir a salvação do mesmo jeito fora dela, podendo ser “de várias maneiras ordenadas ao povo de Deus” (LG 16)? Porque atribuir valor aos sacramentos como meios que “conferem a graça” (SC 59), quando esses não se tornam canais exclusivos, visto que elementos de “verdade e graça já estão presentes no meio dos povos, fruto de uma secreta presença divina” (AG 9) e que “devemos acreditar que o Espírito Santo oferece a todos, de um modo que só Deus conhece, a possibilidade de serem associados ao mistério pascal” (GS 22)?

Até hoje, estas e outras perguntas não estão bem respondidas: pairam no ar como algo que coloca em xeque a consciência eclesial, particularmente, entre cristãos e cristãs que vivem em direto contato com os desafios mais desconcertantes da realidade atual. O próprio “âmbito” e significado da missão parece estar fortemente ameaçado, implícita ou explicitamente, apesar dos persistentes apelos para tornarmos uma Igreja em saída.

Por outro lado, sabemos que não podemos renunciar à missão além de toda fronteira sem renunciar à própria identidade cristã. Devemos concluir, portanto, que é preciso repensar a missão a partir da globalidade e da complexidade que ela assumiu, da perspectiva conciliar de uma Igreja inserida no mundo contemporâneo e do decidido protagonismo de todo Povo de Deus, sem perder a riqueza da especificidade de cada atuação, de cada dimensão e de cada sujeito, mas necessariamente relacionando cada elemento dentro de um quadro geral. Esse quadro geral precisa ser reconfigurado e re-

³ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora 2011-2015*, DGAE 2011 – 2015, n. 25.

significado, para podermos detectar onde e como a missionariedade dos diversos agentes pode efetivamente se expressar.

A MISSÃO HOJE

Olhando para o mundo de hoje à luz do magistério da Igreja, podemos distinguir três âmbitos essenciais de missão:

- a) a *pastoral*, que tem como interlocutores os cristãos militantes e as comunidades eclesiais constituídas que precisam de conversão⁴;
- b) a *nova evangelização*, que tem como interlocutores não somente os cristãos afastados da vida da comunidade, mas também os que não crêem em Cristo (cf. *DAP* 168) no conjunto de uma sociedade secularizada e pluricultural onde cada Igreja local está inserida;
- c) a *missão ad gentes*, que tem como interlocutores àqueles que não conhecem Jesus Cristo no meio de povos e sociedades tradicionalmente não-cristãs⁵, onde a presença da Igreja não está suficientemente estruturada (cf. *RMI* 33; *EG* 14).⁶

O âmbito da “nova evangelização” necessita de um esclarecimento. Esse conceito teve uma evolução e um processo de recepção que passou do simples anseio em arrebanhar os “afastados”, até a ampla ação evangelizadora de testemunho, serviço, diálogo e anúncio que uma igreja promove em todos os setores da sociedade onde ela se encontra. A nova evangelização refere-se, portanto, ao conjunto da presença e das ações da comunidade cristã em seu contexto sócio-cultural. Desta maneira, situações que a Redemptoris Missio designava como missão ad gentes (p. ex. os novos fenômenos sociais, os modernos areópagos, etc. – cf. *RMI* 37), agora vêm fazer parte da nova evangelização. A XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos em Roma, que teve como tema “A Nova Evangelização para a transmissão da fé cristã”, assim como V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano em Aparecida, que lançou a “Missão Continental” (cf. *DAP* 362; 551), deixaram bastante claro que o “campo” da nova evangelização não são somente “as pessoas batizadas que não vivem as exigências do batismo”, mas também os “que ainda não creem em Cristo no espaço de seu próprio território e responder adequadamente aos grandes problemas da sociedade na qual [a Igreja] está inserida” (*DAP* 168; cf. *Propositio* 9-10).

Em suma, tendo presente os três grandes âmbitos acima elencados, teremos uma única e essencial missão que avança em três direções complementares e fundamentais: uma missão em casa (*pastoral*), uma missão fora de casa (*nova evangelização*) e uma missão na casa dos outros (*ad gentes*). A Redemptoris Missio, porém, alerta que essa última orienta as outras duas no sentido e no modelo referencial: “sem a missão ad gentes, a própria dimensão missionária da Igreja ficaria privada de seu

⁴ Cf. SÍNODO DOS BISPOS. *Mensagem ao Povo de Deus da XIII Assembleia Geral Ordinária*. Brasília: CNBB, 2013, p. 39-40 [n. 9].

⁵ Essa expressão é triste: definir os outros a partir de uma negação. Todavia, por enquanto, não temos outra: é sempre melhor do que os termos “pagãos” ou “infiéis”. A dificuldade em definir os interlocutores da ação evangelizadora da Igreja é um dos principais impasses para a teologia da missão.

⁶ “Pastoral”, “nova evangelização” e “ad gentes” são termos plurivalentes e, também, ambivalentes: necessitam de uma análise semântica de suas genealogias. Usamos provisoriamente esses termos como convencionais e descritivos de âmbitos (cf. *RMI* 33), podendo ser substituídos a qualquer momento por outros mais apropriados, que poderão surgir em torno de um consenso a partir da reflexão teológica e magisterial.

significado fundamental e de seu exemplo de atuação”, e por isso “é preciso evitar que (...) se torne uma realidade diluída na missão global de todo povo de Deus, ficando, desse modo, descurada ou esquecida” (RMi 34).

Todavia, é de suma importância compreender os três âmbitos como intimamente interconexos. Sem uma adequada animação pastoral teremos uma missão colonizadora, realizada por uma Igreja convencida de ser suficientemente evangelizada e que, portanto, se sente na incumbência de evangelizar os outros, como dona e mensageira da verdade (cf. EN 15). Sem uma nova evangelização significativa, provavelmente teremos uma missão alienada, realizada por uma Igreja que sonha evangelizar o mundo, vivendo “num universalismo abstrato e globalizante” (EG 234), sem ter os pés no chão numa atuação em seu próprio território. Enfim, sem uma generosa cooperação missionária *ad gentes* teremos, porém, uma missão auto-referencial, realizada por uma Igreja que pensa só em si e no seu meio, que não alarga seus horizontes, perdendo assim sua identidade católica e sua referência ao desígnio de Deus (cf. EN 62).

TRÊS IMAGENS PARA A MISSÃO HOJE

Para entender melhor esses desdobramentos de âmbitos e suas conexões, podemos recorrer a três imagens evangélicas que parecem feitas sob medida para descrever as três situações de missão.⁷

a) A primeira é a figura do *bom pastor*, que diz respeito à pastoral junto às comunidades cristãs formadas e constituídas. É uma missão no espaço restrito do redil, que se baseia numa relação pessoal, íntima, com seus interlocutores. O pastor “chama” as ovelhas as quais “ouvem a sua voz”, ele as conhece pelo nome, as acompanha fora, caminha à frente delas, corre atrás delas quando se perdem, dá a vida por elas e ao mesmo tempo tem uma preocupação com outras ovelhas que “não são deste aprisco” (cf. *Jo* 10,1-18). O pastor é uma figura fundamental para o crescimento da comunidade. A missão aqui é movida pela caridade pastoral e pela proximidade maternal da Igreja às pessoas (cf. *DAP* 199).

b) A segunda figura é a do *semeador*, que diz respeito à *nova evangelização* junto à sociedade secularizada e pluricultural na qual a Igreja está inserida. O lugar não é mais o redil do pastor, fechado com suas portas e suas regras de funcionamento. Agora o “campo é o mundo” (*Mt* 13,48), lugar aberto, de risco e de insegurança, onde o semeador sai para semear. Ele lança a semente em todo tipo de terreno, mas não é ele que faz crescer (cf. *Mc* 4,26-29). A ação do semeador é marcada por uma gratuidade radical: ele somente lança a Palavra de Deus, talvez pequena como semente de mostarda (cf. *Mc* 4,30-32) e não se preocupa nem de arrancar o joio (cf. *Mt* 13,29). Mas é animado por uma profunda *esperança* de que algo possa dar fruto.

c) A terceira figura é a do *pescador*, que diz respeito à missão *ad gentes* junto a outros povos e aos outros contextos totalmente alheios à mensagem do Evangelho. O pescador não exerce sua profissão dentro de um redil, junto a um rebanho com o qual estabelece uma relação de carinho e de intimidade. Ele está navegando em alto mar à mercê das turbulências, num lugar inóspito, totalmente inseguro, incontrolável, hostil. Não tem também a mesma expectativa do agricultor em relação à semente e ao campo, que em algum lugar deverá oferecer seu fruto. A pesca depende do acaso, da sorte, está sujeita a todo tipo de imprevistos, de surpresas e de riscos. É uma missão na qual a Igreja

⁷ Cf. GIRARD, Marc. *A missão da Igreja na aurora do novo milênio*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 45-75.

descobre sua verdadeira vocação em deixar-se conduzir somente pela Palavra (cf. *Lc 5,5*). A missão torna-se aqui uma atividade marcada pela pura fé.

As três imagens bíblicas retratam bem as três diversas situações e a dinâmica diferenciada de cada uma delas. A imagem do pastor é ligada ao cuidado maternal de Yhwh que guia e conduz o Povo de Israel (cf. *Gn 48,15; Sl 23; Is 40,11; Jr 31,10; Ez 34,13; Zc 11,7*). Entretanto, a parábola do semeador é relacionada por Jesus ao anúncio gratuito da Palavra e à sua acolhida na vida das pessoas (cf. *Mt 13,19; Mc 4,14; Lc 8,11*). Enfim, a metáfora do pescador é associada à missão fora de Israel, ao envio pós-pascal dos discípulos às nações, representado pela travessia turbulenta (cf. *Mt 8,18ss; Mc 4,35ss; Lc 8,22ss*). Trata-se de uma missão de pescaria, que tem como objetivo a salvação, a redenção e o resgate de vidas (cf. *Lc 5,1-11; Jo 21,1-17; Mt 10,8; Ex 3,7-10; 15,16*).

O PRIMADO REFERENCIAL DA MISSÃO AD GENTES

Hoje todo sujeito eclesial, ministro ordenado ou leigo, é convidado a participar da missão de Deus segundo estas três modalidades, ora privilegiando uma, ora privilegiando outra, mas frequentemente articulando as três em seus diferentes aspectos, dimensões e processos. Não há uma preclusão a um âmbito específico para o laicato, como também não é suficiente formar os presbíteros somente para ser bons pastores. Há uma urgência gritante em redescobrir a figura fundamental do *apóstolo* no ministério ordenado.⁸ O nosso mundo pluricultural exige bons pastores que sejam também bons semeadores e bons pescadores. No que diz respeito à figura do leigo, poderíamos afirmar que a nova evangelização é o campo privilegiado da ação missionária dele. No entanto, todo discípulo missionário é chamado também a ser pastor, assumindo amavelmente e responsabilmente o cuidado de pessoas, e a ser pescador, sentindo forte o impulso em se lançar sempre mais além.

A essência missionária da vocação cristã não é constituída de compartimentos estanques: ela é integral e integrada, pois “a ação missionária *ad intra* é sinal de autenticidade e de estímulo para realizar a outra *ad extra*, e vice-versa” (*RMi 34*). Contudo, a missão se projeta naturalmente além-fronteiras, com generosidade, com abertura a novos horizontes e desafios: jamais se fecha. A Igreja “nasceu em saída”⁹ (cf. *EG 17a; 20; 24; 46*) e se reencontra todas as vezes que sai de si e se abre: a comunidade cristã deve a própria origem ao anúncio do evangelho, e a própria vitalidade à contínua e corajosa transmissão deste anúncio pelo mundo afora. Por isso, o norte de toda missão é inevitavelmente *ad gentes*: isso expressa não somente um programa de ação, e sim uma tensão fundamental.

É neste sentido que o *Documento de Aparecida (DAp)* convida as comunidades eclesiais da América Latina e do Caribe a se lançar para uma pastoral decididamente missionária (cf. *DAp 370*), evocando o ícone da navegação e da pesca: “Nós somos agora, seus discípulos e discípulas, chamados a navegar mar adentro para uma pesca abundante. Trata-se de sair de nossa consciência isolada e de nos lançarmos, com ousadia e confiança (parrésia), à missão de toda a Igreja” (*DAp 363*). Da mesma for-

⁸ Este testemunho do então cardeal de Milão, Carlo Maria Martini (1927 – 2012), nos ajuda a entender essa tensão entre a figura do apóstolo e a do pastor: “Muitos mal-entendidos nas ações ou nos gestos do bispo acontecem porque é considerado pastor e não apóstolo. Toda aproximação do bispo a outros ambientes e vice-versa, é entendida como uma instrumentalização, com medo, quase representasse um perigo. Isso porque o pastor cuida do rebanho, e qualquer olhar fora do rebanho é visto com receio, porque assim perde de vista as próprias ovelhas. Esta é a maneira de ver a figura do bispo restringindo-a ao âmbito rigidamente pastoral”. Cf. MARTINI, Carlo Maria. *Quale prete per la Chiesa di oggi*. Milano: InDialogo, 2015, p. 27.

⁹ FRANCISCO. Mensagem para o Dia Mundial das Missões 2014.

ma, João Paulo II no encerramento do Grande Jubileu do ano 2000, fez ressoar para toda a Igreja as palavras do Senhor: “Duc in altum!”, avancem para águas mais profundas (Lc 5,4).

Por sua vez, Francisco nos lembra que não podemos perder de vista o recolhimento do redil, porque “a pastoral é o exercício da maternidade da Igreja”. “Simão, você me ama?”, pergunta o Senhor ao pescador: “então cuide das minhas ovelhas” (Jo 21,17). Depois de ter pescado, Pedro terá que cuidar da vida de quem resgatou. Eis, portanto, que a tríade *pastor-semeador-pescador* se repropõe como um *cuidado-anúncio-salvação* numa única missão de Deus, na qual a Igreja é chamada a participar. O primado referencial da navegação e da pesca deve ser buscado no anseio *para onde* esta missão se dirige: não é apenas o redil de Israel e nem o campo do mundo no qual se vive, mas o mar desconhecido e impérvio das nações, dos povos e das culturas até os confins da terra, porque “Deus quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade” (1Tm 2,4).

Nesta perspectiva, podemos delinear o âmbito específico *ad gentes* em torno de três elementos complementares:

- a) o primeiro anúncio aos não-cristãos no contexto sociocultural deles;
- b) a saída transcultural dos enviados e das enviadas pela Igreja;
- c) a opção preferencial pelos pobres que anelam concretamente por salvação.

A princípio, os programas missionários que não apresentam esse conjunto de elementos, não se encaixariam propriamente neste âmbito. Com efeito, não é suficiente afirmar que a missão *ad gentes* se dirige aos não-cristãos, porque esses interlocutores estão presentes também no âmbito pastoral e na nova evangelização. Igualmente, podemos dizer para os pobres. No entanto, um aspecto característico poderia ser representado pela saída transcultural: mas se essa não for relacionada a um primeiro anúncio e a uma promoção da vida humana, perderia de relevância. Por sua vez, a promoção humana por si só, corre o risco de se tornar apenas filantropia. E o primeiro anúncio, sem o testemunho concreto e o serviço da caridade, tornar-se-ia propaganda proselitista.

Contudo, na medida em que a evangelização e a promoção humana estiverem presentes de maneira significativa na vida de uma comunidade cristã, podemos reconhecer uma íntima analogia com a missão *ad gentes*, mesmo não configurando um quadro pontual e específico. Iniciativas ousadas, criativas, generosas e corajosas de testemunho, serviço, diálogo e anúncio do Evangelho, representam sem dúvida uma resposta profética aos desafios do nosso tempo. Tendo em vista a participação dos leigos e das leigas na missão de Deus, podemos, portanto, distinguir três situações:

- 1) engajamento numa ação pastoral relacionada a conjunturas e a dinâmicas de missão *ad gentes*;
- 2) atuação numa ação evangelizadora nas periferias existenciais do próprio contexto sócio-cultural;
- 3) compromisso concreto com a cooperação missionária além-fronteiras.

A AÇÃO PASTORAL MISSIONÁRIA

Os agentes da missão

A *Apostolicam Actuositatem* já afirmava que “tanto os Bispos como os párocos e demais sacerdotes de ambos os cleros, devem ter presente que o direito e dever de exercer o apostolado são comuns a todos os fiéis, clérigos e leigos, e que também estes últimos têm um papel a desempenhar na edificação da

Igreja” (AA 25). Ao enfatizar a índole secular da vocação laical (cf. EN 70), não podemos esquecer de que “os leigos também são chamados a participar na ação pastoral da Igreja” (DAp 211):

A imensa maioria do povo de Deus é constituída por leigos. Ao seu serviço, está uma minoria: os ministros ordenados. Cresceu a consciência da identidade e da missão dos leigos na Igreja. Embora não suficiente, pode-se contar com um numeroso laicato, dotado de um arreigado sentido de comunidade e uma grande fidelidade ao compromisso da caridade, da catequese, da celebração da fé (EG 102).

Isso não quer dizer que a ação dos leigos e das leigas na Igreja se limite à suplência em situação de emergência e de necessidade crônica da missão, menos ainda à execução de ordens por parte do clero. Na comunidade cristã há uma igualdade fundamental no que diz respeito à dignidade e à atuação comum de todos os fiéis (cf. LG 32), porque cada discípulo missionário, investido da graça batismal, participa do sacerdócio comum enraizado no único sacerdócio de Cristo. Neste sentido, os leigos “devem ser considerados não como ‘colaboradores’ do clero, mas como pessoas realmente ‘corresponsáveis’ do ser e do agir da Igreja”.¹⁰

Apesar do avanço assustador de certo clericalismo, as igrejas latino-americanas ainda conseguem abrir espaços significativos para a participação laical na missão evangelizadora. De fato, o documento *Ecclesia in America* assevera: “A renovação da Igreja na América Latina não será possível sem a presença dos leigos; por isso, lhes compete, em grande parte, a responsabilidade do futuro da Igreja” (EAm 44). E isso é particularmente verdade naquelas áreas e naquelas situações nas quais os leigos e as leigas são os únicos a poder chegar, pelo fato de ser encarnados nestas realidades e por ser portadores de carismas especiais (cf. ChL 24) que assumem a forma de ministérios e serviços qualificados.

As situações missionárias

Historicamente, muitíssimas comunidades cristãs na América Latina sempre foram levada adiante por leigos e leigas, particularmente, em regiões longínquas, periféricas e marginalizadas. Atualmente, nestes contextos, persistem três situações básicas de urgência missionária que convocam os discípulos e as discípulas missionários a exercer o múnus profético, sacerdotal, real de Cristo (cf. ChL 14):

- a) situações em que há necessidade de um primeiro anúncio do Evangelho;
- b) situações em que há necessidade de constituir comunidades cristãs onde não existem;
- c) situações em que há necessidade de encarnar os valores do Reino na vida concreta das pessoas.

a) Na primeira situação, podemos destacar como âmbito missionário a Pastoral de Visitação das casas, das escolas, dos hospitais, dos presídios, dos locais de trabalho, etc., concretíssima expressão de *saída* missionária. Não se trata de um programa proselitista, e sim de uma pastoral solidariedade e proximidade com as pessoas, procurando criar vínculos de relacionamento e ocasiões de primeiro anúncio. Marcado pela itinerância, o testemunho do Reino de Deus se torna concreto pela simples saudação (cf. Lc 1,41), pelo pretexto de um convite, pela entrega de um folder ou pela oferta de um serviço. O encontro com os pobres é dimensão constitutiva da nossa fé (cf. DAp 257), porque tocamos a carne sofredora de Cristo no povo (cf. EG 24), realizando a real e pessoal experiência do encontro com Ele. É sempre bom lembrar que o caráter do encontro pessoal é o canal preferencial do

¹⁰ BENTO XVI. *Mensagem à VI Assembleia Ordinária do Foro Internacional da Ação Católica*. Iasi, Romênia, 10 de agosto de 2012.

anúncio querigmático do Evangelho, porque fala de coração a coração.¹¹ Esse anúncio acontece sempre na reciprocidade entre os interlocutores, num dar e receber, na escuta amorosa, na palavra singela, na atitude gratuita e audaciosa, humilde e destemida, desarmada e desarmante ao mesmo tempo: “o cristão sabe quando é tempo de falar de Deus e quando é justo não o fazer, deixando falar somente o amor. Sabe que Deus é amor (cf. 1 Jo 4, 8) e torna-Se presente precisamente nos momentos em que nada mais se faz a não ser amar” (DCE 31c). Sem nada que agride com sentenças frias, assépticas e severas, o querigma faz sobressair a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado, que quer chegar ao coração do homem e resplandecer nele a verdade (cf. EG 24; 167).

b) Na segunda situação, um âmbito significativo de atuação missionária é, sem dúvida, a formação de novas comunidades cristãs, particularmente, comunidades eclesiais de base (CEBs). Este fenômeno acontece no meio popular das metrópoles ou em áreas rurais afastadas dos grandes centros. Imbuídas de piedade popular, as CEBs são presença da Igreja junto às pessoas mais simples, comprometendo-se com elas em buscar uma sociedade mais justa e solidária. “São elas um ambiente propício para escutar a Palavra de Deus, para viver a fraternidade, para animar na oração, para aprofundar processos de formação na fé e para fortalecer o exigente compromisso de ser apóstolos na sociedade de hoje” (DAP 308). Junto com a paróquia, constituem uma rede de comunidades (DAP 172), onde os agentes de pastoral leigos e ordenados exercem seu ministério de liderança, coordenação, celebração, catequese, participação em conselhos pastorais, missionários e de assuntos econômicos.

c) Para a terceira situação teríamos talvez inúmeros programas e intervenções como âmbitos privilegiados de ação missionária: a pastoral familiar, a pastoral da juventude, a pastoral da saúde, a pastoral da pessoa idosa, a pastoral da criança, etc. Contudo, olhando para a realidade latino-americana, um que âmbito prioritário, propriamente de caráter *pastoral*, mas que aponta para a missão *ad gentes*, é constituído pelo testemunho de todas aquelas iniciativas, formais e informais, que trabalham em prol da reconciliação, do perdão e da paz. Vivemos em sociedades de muitos conflitos e de violências, com profundas desigualdades e injustiças, agudos rancores e divisões. É urgente e preciso “cicatrizando feridas, evitar maniqueísmos, perigosas exasperações e polarizações” (DAP 534). Necessita de “homens novos e mulheres novas que mobilizem e façam convergir nos povos ideais e poderosas energias morais e religiosas” (DAP 538), que “promovam uma cultura do compartilhar em todos os níveis” (DAP 540), que eduquem para uma cultura de paz que seja fruto de um desenvolvimento sustentável, equitativo e respeitoso da criação: “a Igreja é chamada a ser *escola permanente* de verdade e justiça, de perdão e reconciliação para construir uma paz autêntica” (DAP 542).

A dinâmica da ação missionária

¹¹ Aqui vale a pena lembrar a significativa ponderação que Paulo VI fez por ocasião da Audiência Geral em 6 de agosto de 1969, regressando de sua viagem a Uganda. Ao refletir sobre a necessidade missionária no mundo, o Papa se pergunta por que o Evangelho não se espalha por si só, como as descobertas científicas, a curiosidade popular, as idéias de moda que fazem o seu caminho no meio da humanidade através dos meios de comunicação com uma rapidez surpreendente? Porque a fé em Cristo não tem essa virtude da difusão espontânea? “A realidade é esta – responde o Papa –: a fé deve ser levada, deve ser anunciada pela viva voz, de pessoa a pessoa. A rede de comunicação da fé deve ser humana. É necessária a pessoa do missionário para que a mensagem chegue à destinação” (PAULO VI. *Udienza Generale* – Mercoledì, 6 agosto 1969. disponível em: <http://w2.vatican.va/content/paul-vi/it/audiences/1969/documents/hf_p-vi_aud_19690806.html>. Acesso: 16/01/2017).

Neste sentido, o Povo de Deus na Igreja da América Latina é convocado hoje a buscar, com muita intensidade e entrega, a *koinonia* na Igreja como *diaconia* ao mundo. Com efeito, é a partir da comunidade cristã que deveria se expressar o engajamento fundamental contra toda forma de domínio sobre o outro, e a prática assídua da fraternidade, como manifestação de uma nova lógica de convivência universal. Esse testemunho não é opcional, mas é algo de absolutamente indispensável porque, como diria Papa Francisco, “preenche os vazios de amor que há nos corações, nas relações humanas, nas famílias, nas comunidades e no mundo (...) Ser santo não é um luxo, é necessário para a salvação do mundo. Isto é o que o Senhor nos pede”.¹²

Desta maneira, na ação pastoral missionária se explicita o próprio dinamismo da missão que começa pelo *primeiro anúncio*, testemunhado com a vida e anunciado com a palavra querigmática que interpela e convoca; passa pelo *processo de conversão* da pessoa através da iniciação cristã; leva ao ingresso e à *formação da comunidade*; envia a comunidade missionária pelo mundo afora. O Decreto *Ad Gentes* explicita quatro etapas da obra evangelizadora: testemunho, anúncio, conversão, formação da comunidade. A implantação da Igreja era considerada ponto final e objetivo da missão. A partir da Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* de Paulo VI (1975), começa-se a vislumbrar um quinto elemento essencial para o itinerário evangelizador: não há comunidade cristã se esta, por sua vez, não for enviada (cf. EN 13-15).

O Documento da III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, realizada em Puebla, México (1979), finalmente descreve o processo em cinco etapas: testemunho, anúncio, conversão, comunidade, missão (cf. Puebla 356-361). Uma igreja é verdadeiramente constituída não quando se estabelece, mas quando é enviada. O processo evangelizador termina com a missão. Assim como um míssil – palavra que tem a mesma raiz latina de missão –, não é feito para ficar parado, também a Igreja não é feita para ficar assentada em suas estruturas. O Documento de Aparecida reelabora essas cinco etapas enfatizando o encontro com Jesus Cristo, juntando testemunho e anúncio, e acrescentando o discipulado como momento distinto da conversão: encontro com Cristo, conversão, discipulado, comunidade, missão. Essa estrutura dá mais relevância à iniciação cristã do que ao primeiro anúncio. Todavia, contem os mesmos elementos essenciais que vêm sendo trabalhados a partir do Vaticano II, dando destaque, mais uma vez à missão que “não deve ser entendida como etapa posterior à formação” (Dap 278e).

A AÇÃO EVANGELIZADORA NA SOCIEDADE

A tendência em valorizar, exclusivamente ou quase, o serviço no interior da Igreja, prejudica, porém, a tomada de consciência da importância de todos os cristãos, particularmente dos leigos e das leigas, nas realidades do mundo. O desafio é viver e aprender do mundo sem ser do mundo (cf. Jo 17,15-16), e se comprometer com ações transformadoras rumo a uma sociedade mais justa e fraterna. A realidade temporal tem sempre algo de novo, muito importante a nos dizer: nela se manifestam *os sinais dos tempos* que nos convidam à escuta sobre o que “o Espírito diz às Igrejas” (Ap 2,29). Esses sinais, porém, são ambíguos: são portadores de esperanças e aspirações para a humanidade (cf. GS 4), mas são marcados por “aquele desequilíbrio fundamental que se radica no coração do homem” (GS 10), que se manifesta no egoísmo e no orgulho e que perverte também o ambiente social (cf. GS 25).

¹² FRANCISCO. Santa Messa con i nuovi Cardinali. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/it/homilies/2014/documents/papa-francesco_20140223_omelia-nuovi-cardinali.html>. Acesso em: 23 mai. 2014.

Por isso, a missão pressupõe sempre, e em qualquer circunstância, uma atitude permanente de discernimento, conversão e renovação, não apenas em nível pessoal, mas também em nível comunitário e institucional (cf. *DAP* 365). Somos chamados a distinguir “o que é bom e agradável a Deus” (*Rm* 12,2), sabendo diferenciar a pluralidade do relativismo, a secularidade do secularismo, a autonomia do individualismo, a organização do funcionalismo, a identidade do fundamentalismo, o uso dos bens da idolatria dos bens.

Por outro lado, precisamos também entender que o anúncio da Boa Nova *não é de mão única*: temos muito a oferecer assim como temos muito a receber dos outros. É necessário, portanto, ficar vigiantes diante das tentações de homologação com as realidades temporais, assim como das tentações de fechar-nos em nós mesmos, sem deixarmos questionar pelas provocações do mundo de hoje.

No que diz respeito aos âmbitos de atuação e compromisso missionário *ad gentes* na sociedade contemporânea, podemos identificar, em parte de acordo com *RMI* 37, três grandes frentes:

- a) a *frente religiosa*, com o primeiro anúncio inculturado do Evangelho, o diálogo ecumênico e inter-religioso, sendo que “povos inteiros e áreas culturais de grande importância, em muitas nações, ainda não foram alcançados pelo anúncio evangélico nem pela presença da Igreja local” (*RMI* 37a)
- b) a *frente sócio-ambiental*, com o engajamento em causas de transformação da sociedade na promoção da dignidade humana, da justiça, da paz e do cuidado com a criação, diante de conjunturas e fenômenos sociais novos como a urbanização, a juventude, as migrações, as situações de marginalidade e pobreza.
- c) a *frente cultural*, no diálogo com os areópagos das comunicações, das ciências, da política, da economia, das relações internacionais, que constituem “novos ambientes onde o Evangelho deve ser proclamado” (*RMI* 37c).

Frente religiosa

No primeiro campo de ação, entre os vários âmbitos, podemos lembrar o que Puebla chama de *situações permanentes* de missão na América Latina e Caribe (cf. *Puebla* 365): os indígenas e os afro-americanos. Há ainda um profundo resgate de identidades, autoestima e projetos de vida destes povos a ser realizado. Ainda hoje indígenas e afro-americanos são objetos de violências, espoliações e humilhações por parte da sociedade envolvente e do capitalismo depredatório. Diante de uma situação de extrema fragilidade desses povos a missão da Igreja é chamada a ser gratuita e decididamente em defesa da vida (cf. *DAP* 530), evitando qualquer ação proselitista praticada por um anúncio explícito apressado e oportunista: “o discernimento sobre a hora certa desse anúncio não depende propriamente da programação dos missionários e das missionárias, porque o anúncio não é um evento, mas se insere em um processo complexo de relação e partilha com os povos indígenas”.¹³

Todavia, o diálogo no campo religioso se faz extremamente indispensável, vista a sensibilidade e a relevância da dimensão transcendental na cosmovisão das culturas tradicionais. Também junto às comunidades afro-americanas, a ação evangelizadora merece um olhar cuidadoso, uma metodologia sintonizada com suas culturas e uma atitude de profundo diálogo frente a formas de vida tão diferenciadas.¹⁴

¹³ CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO (CIMI). *Plano Pastoral*. Brasília, 2009, n. 109-110.

¹⁴ Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *A Igreja e as Comunidades Quilombolas*. Estudos da CNBB 105 (2013), n. 183.

Existem organismos eclesiais que representam espaços concretos de engajamento missionário nestes âmbitos de ação, onde convergem antropólogos, advogados, educadores, agentes de saúde, evangelizadores, teólogos, comunicadores, etc. Um dos principais desafios, particularmente em relação aos povos indígenas, é o conhecimento das línguas, dos códigos e dos símbolos de cada respectiva cultura, como instrumento fundamental de aproximação e inserção.

Frente sócio-ambiental

A segunda frente missionária “sócio-ambiental” conta hoje com a atuação de inúmeras iniciativas que, no Brasil, chamamos de Pastorais Sociais (Pastoral da Terra; Pastoral Operária; Pastoral do Menor; Pastoral Carcerária; Pastoral da Juventude; Pastoral da Mobilidade Humana; Pastoral da Sobriedade; etc.). Todas essas articulações são expressão da solicitude da Igreja missionária com as situações reais de marginalização, exclusão e injustiça, numa perspectiva profético-transformadora, e não apenas assistencial. Isso sem contar os milhares de cristãos e cristãs engajados nos movimentos populares ou simplesmente anônimos, que atuam através de seu trabalho em instituições públicas e privadas como universidades, escolas, hospitais, asilos, creches, sindicatos, meio de comunicação, evangelizando pelo testemunho e contribuindo assim pela vinda do Reino de Deus.

Todavia, o *Documento de Aparecida* aponta para uma direção que interessa de perto a missão *ad gentes*: “os rostos sofredores que doem em nós”. São as situações limites que denunciam o descaso extremo com a vida humana por parte da sociedade capitalista contemporânea. Se nos anos ‘60 e ‘70 falava-se em “oprimidos” ao retratar a situação de escravidão dos pobres e dos trabalhadores, nos anos ‘90 passou-se a utilizar o termo “excluídos” para caracterizar o mesmo segmento da população que antes era explorado por um sistema de mercado, e que agora é descartado pela sofisticação desse próprio sistema. No começo do século XXI, o processo de darwinização social se torna ainda mais cruel: o que era apenas “excluído”, agora se torna “custo” para a sociedade. Todo custo há de ser minimizado, e possivelmente, eliminado: não mais lugar para o pobre. Quem são esses pobres estão sendo eliminados? O povo de rua, os refugiados, os enfermos crônicos ou terminais, os dependentes químicos e os presos (cf. *DAP* 407 – 430): todas categorias de pessoas que a sociedade não quer mais pagar para manter vivas.

A opção mais missionária pelos pobres e pela vida que a Igreja hoje pode testemunhar é um engajamento profético em defesa destas situações concretas, não apenas em respostas a urgências imediatas, mas particularmente na promoção de políticas públicas e de uma cultura da fraternidade e da solidariedade.

Não há qualquer dúvida que a promoção humana faça parte da evangelização (cf. *DAP* 399), como também não podemos pensar “em verdadeira e plena promoção do ser humano sem abri-lo a Deus e anunciar-lhe Jesus Cristo” (*DAP* 333). Trata-se do mesmo processo transformador que se foca na participação e no envolvimento dos interlocutores: “não há novas estruturas se não há homens novos e mulheres novas que mobilizem e façam convergir nos povos ideais e poderosas energias morais e religiosas” (*DAP* 538).

Frente cultural

Enfim, os areópagos, que nós chamamos de “frente cultural”. Diante dos apelos da Encíclica *Laudato Si'* poderíamos dizer que os areópagos contemporâneos referem-se a todos os âmbitos da vida pública a começar pela família, “areópago primordial” (cf. *CNBB* 105, n. 255), passando pela política, a economia, o trabalho, a cultura, a educação, a academia, o esporte, o entretenimento, a arte, a pesquisa, o cuida-

do da casa comum. Desde a *Redemptoris Missio*, um grande destaque é dado ao mundo das comunicações que tem uma relevância fundamental para a evangelização. Se a frente sócio-ambiental está mais para a pescaria (resgate de vidas), os areópagos, e em particular as mídias digitais, estão mais para a sementeira. Afinal, sobre um programa de rádio ou um vídeo postado no youtube, não temos nenhum controle aonde essas nossas “sementes” vão cair: “o semeador dorme e acorda, noite e dia, e a semente vai brotando e crescendo, mas ele não sabe como isso acontece” (Mc 4,26).

Com efeito, o grande areópago de hoje é a sociedade em rede em nível planetário, sustentado pelas novas tecnologias de comunicação, produção e transportes que lhe fornecem a infraestrutura. A internet e a articulação das redes sociais passam a ser parte integrante da vida cotidiana, dando origem a uma nova gramática da comunicação, com implicações antropológicas, que estão gerando novos mapas, novas dinâmicas pessoais e sociais, novas estruturas linguísticas, bem como culturais, políticas e econômicas. Isso é de grande importância para a missão. Tornar-se presente no *ambiente* digital é fazer do próprio tecido da sociedade um âmbito privilegiado de atuação: aqui os cristãos são chamados a exercer uma “diaconia da cultura”¹⁵, buscando também novas modalidades de participação política.¹⁶

Ao mesmo tempo, porém, não podemos “substituir as relações reais com os outros, com todos os desafios que implicam, por um tipo de comunicação mediada pela internet”: isso “nos impedem de tomar contato direto com a angústia, a trepidação, a alegria do outro e com a complexidade da sua experiência pessoal” (LS 47). A missão hoje exige coração aberto ao mundo e pés no chão, articulando sempre a universalidade com a proximidade: um convite a não ficar apenas numa supervisão abstrata. As recentes eleições americanas e o plebiscito no Reino Unido sobre a saída da União Europeia, são sinais de que as pessoas se sentiram abandonadas por seus líderes, demasiado distantes da vida concreta do resto da população.¹⁷ Hoje as cristãs e os cristãos são chamados mais de qualquer outro cidadão a não ficar apenas no âmbito cultural-teórico-midiático, mas a dedicar tempo aos pobres, escutá-los, acompanhá-los, ser amigos deles (cf. DAp 397), porque é a partir desta proximidade que se aprende a cuidar da própria integridade moral e do interesse com o bem comum, particularmente, no exercício de funções públicas.

A COOPERAÇÃO MISSIONÁRIA ALÉM-FRONTEIRAS

“Deus, que de todos cuida com solicitude paternal, quis que os homens formassem uma só família, e se tratassem uns aos outros como irmãos” (GS 24). Assim sendo, a comunidade dos discípulos de Cristo, que recebeu uma mensagem de salvação a ser comunicada a todos, “sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história” (GS 1). Portanto, “todos os filhos da Igreja tenham consciência viva das suas responsabilidades para com o mundo, fomentem em si um espírito verdadeiramente católico” (AG 36), cientes que “todos têm direito de receber o Evangelho e os cristãos têm o dever de anunciá-lo, sem excluir ninguém, não como quem impõe uma nova obrigação, mas como quem partilha uma alegria” (EG 14).

¹⁵ BENTO XVI. *Mensagem para o 44º Dia Mundial das Comunicações Sociais*, 2010.

¹⁶ Cf. PONTÍFICA COMISSÃO PARA A AMÉRICA LATINA. *O indispensável compromisso dos leigos na vida pública dos países latino-americanos*. Brasília: Edições CNBB, 2016, p. 38.

¹⁷ Cf. HAWKING, Stephen. This is the most dangerous time for our planet. In: *The Guardian*, 1/12/2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2016/dec/01/stephen-hawking-dange-rous-time-planet-inequality>>. Acesso: 16/1/2017.

Cooperação missionária

“A participação das comunidades eclesiais e de cada fiel na realização deste desígnio divino recebe o nome de *cooperação missionária*”.¹⁸ Trata-se daquela ação eclesial que convida a alargar os horizontes da caridade, ao manifestar solicitude por todos os povos da terra, pois “a graça da renovação não alcançará as comunidades se não estenderem o seu amor até os confins da terra e se preocuparem com os que estão longe como se fossem seus próprios membros” (AG 37).

Há um crescente apelo e desejo de todo povo de Deus de participar ativamente da missão *ad gentes* propriamente dita que envolve também o envio além-fronteiras e a cooperação inter-eclesial. Essa missão *ad gentes* se explicita, particularmente, em âmbitos rurais de culturas tradicionais autóctones, em contextos suburbanos de grandes concentrações populacionais, e em macro áreas de influência de tradições religiosas não-cristãs.

Podemos dizer que, sem sombra de dúvida, tem muito mais disposição por parte do mundo laical que do mundo clerical para esse tipo de cooperação com a missão de Deus. Todavia, na maioria das vezes, condições pessoais e dificuldades logísticas, de organização não conseguem viabilizar projetos e programas nesta direção. Não falta quem se oferece para ser enviado: falta os “enviantes”, igrejas que escolhem, discernem, investem, preparam, enviam e acompanham agentes para a missão *ad gentes*. “Como o Pai me enviou, eu também vos envio” (Jo 20,21): a missão parte sempre de um chamado, de uma iniciativa por parte de alguém. Mas há também um povo que espera em vão este chamado: “Aqui estou, envia-me!” (Is 6,8).

Em se tratar de leigos e leigas, a missão além-fronteiras se configura também como experiência *ad tempus*, enquanto uma *missio ad vitam* exige, via de regra, um tipo de consagração. O fato de uma experiência missionária além-fronteiras ser circunscrita a um tempo determinado, e ser vinculada a contratos, circunstâncias familiares, exigências assistenciais e trabalhistas, não significa que não tenha uma relevância marcante para os missionários como também para seus interlocutores.

Resta o limite da possibilidade de uma profunda imersão na cultura que os hospeda. Isso restringe as possibilidades de atuação, mesmo dentro de projetos de desenvolvimento. Sem dominar bem os idiomas, se torna difícil viabilizar ações educativas, sanitárias ou assistenciais de vários tipos. Também, sem dispor de um tempo razoável para se inserir no mundo do outro, corre-se o risco de não viver de maneira significativa essa experiência. A missão transcultural é uma intensa experiência exodal, uma viagem ao exterior e ao interior, uma travessia quenotica que necessita de duração, disposição, paciência consigo mesmo, disciplina, acompanhamento, para se tornar uma profunda experiência transformadora. Em poucos anos não há como realizar essa “páscoa” que redefine a identidade da pessoa.¹⁹

Seja como for, não somos nós os primeiros protagonistas da missão, e sim o Espírito Santo: nós todos, na nossa pequenez, somos apenas *cooperadores* de Deus (cf. AG 15; 1Cor 3,9). O princípio mais importante é ter a convicção que a dimensão universal da missão é elemento constitutivo da identidade cristã, e que, portanto, deve ser assumida concretamente por todo Povo de Deus, não deixada somente à iniciativa de agentes qualificados (cf. EG 120). Desta maneira, a partir desse sujeito eclesial “Povo de Deus”, não é mais possível pensar na missão somente como atuação direta na frente

¹⁸ CONGREGAÇÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS. Instrução *Cooperatio Missionalis*, 1998, n 2.

¹⁹ Cf. HENDRICKS, Bárbara. O impacto da transição. A experiência da transição para o missionário: uma viagem interior/exterior. In: *Convergência* – Setembro 2002, n. 355.

missionária, e sim como resposta generosa ao mandato do Senhor de diferentes maneiras. O leque destas modalidades vai de Santa Terezinha a São Francisco Xavier: da intensa comunhão espiritual ao envio além-fronteiras.

A missão é por sua natureza participativa. A missão *ad gentes* é um mutirão onde todos são convidados a compartilhar, um verdadeiro exercício de comunhão intereclesial. A cooperação do Povo de Deus se realiza essencialmente em três âmbitos: pela espiritualidade, pela solidariedade e pelo engajamento.

- 1) O primeiro âmbito se expressa pela oração, pelo sacrifício e pelo testemunho que acompanham os passos dos missionários e das missionárias pelo mundo afora (cf. *RMi* 78), confiando que a missão é, antes de tudo, obra do Espírito.
- 2) O segundo, diz respeito às indispensáveis ajudas materiais com os projetos missionários e com as comunidades que passam necessidades (cf. *Rm* 15,25-28; *RMi* 81): “Deus ama quem dá com alegria” (2*Cor* 9,7).
- 3) O terceiro âmbito é a atuação direta na missão *ad gentes*, incentivado por uma específica animação vocacional: isso representa o coração da cooperação, já que sem missionários e missionárias não há missão (cf. *Rm* 10,15).

Se a missão *ad gentes* perder esse lance da participação e da cooperação mais alargada, perde algo da sua mais íntima essência, além de se tornar uma empreitada insustentável. Os projetos missionários mobilizam instituições, organismos, comunidades, pessoas generosas, particularmente nas conjunturas mais difíceis e de emergência humanitária. O comprometimento de todos em favor da vida representa umas das ações mais nobres e solidárias que o ser humano pode expressar. O recurso a coletas, doações, dízimos, arrecadações, etc. deve ser contínuo, incessante, insistente, para que a comunidade cristã, por primeira, não se acomode à margem do sofrimento dos pobres do mundo inteiro (cf. *DAP* 362) e deixe de ser missionária além-fronteiras.

Animação missionária

Essa cooperação só será possível se tiver um assíduo trabalho de animação e de motivação missionária que desperte para o compromisso *ad gentes*, através de campanhas, notícias, artigos divulgados pela internet, revistas, jornais, rádios, televisão, agências, etc.

“A cooperação é o primeiro fruto da animação missionária, entendida como um espírito e uma vitalidade que impele os fiéis, as instituições e as comunidades a uma responsabilidade universal orientada *ad gentes*. Por isso, toda iniciativa de animação missionária se dirige sempre para o seu objetivo: formar o povo de Deus para a missão universal específica, suscitar boas e numerosas vocações missionárias, promovendo toda forma de cooperação na evangelização”.²⁰

“Animação” significa comunicar ânimo, vida, espírito. “Animação missionária” é aquela ação pastoral de motivação e conscientização que quer tornar as pessoas, as comunidades, as instituições efetivamente missionárias, além-fronteiras, pois: “a maturidade eclesial é consequência e não apenas condição de abertura missionária”.²¹ Animar missionariamente significa comunicar uma espiritualidade onde a vida se torna missão (cf. *EG* 273), formar uma mentalidade que se transforma em hábitos

20 Congregação para a Evangelização dos Povos. Instrução *Cooperatio Missionalis*, 1998, n 2. Cf. *RMi* 83.

²¹ CNBB. *Igreja: comunhão e missão*. Documento 40/1988, 119.

permanentes. Este trabalho deve ser visto como central na vida cristã, e “as Igrejas locais insiram a animação missionária como elemento primordial, na pastoral ordinária das dioceses e paróquias, das associações e grupos, especialmente juvenis” (RMI 83).

O primeiro compromisso da animação missionária é, portanto, “formar os discípulos numa espiritualidade da ação missionária, que se baseia na docilidade ao impulso do Espírito, à sua potência de vida que mobiliza e transfigura todas as dimensões da existência” (DAP 284). Com efeito, “quando vivemos a mística de nos aproximar dos outros com a intenção de procurar o seu bem, ampliamos o nosso interior para receber os mais belos dons do Senhor (...) Em consequência disto, se queremos crescer na vida espiritual, não podemos renunciar a ser missionários” (EG 272). Elementos fundantes de uma autêntica espiritualidade missionária são:

- o discipulado, como caminho no seguimento de Jesus, aprendendo e praticando as bem-aventuranças do Reino (cf. DAP 139);
- o envio missionário, como saída de si e despojamento radical por causa do Evangelho (cf. Mc 6,8; 10,29);
- a proximidade, como encontro com os pobres e os outros, na dinâmica do Bom Samaritano (cf. Lc 10,29-37; DAP 135);
- a universalidade evangélica, como abertura “a todas as culturas e todas as verdades, cultivando nossa capacidade de contato humano e diálogo” (DAP 377).

Consequentemente, tarefas concretas da animação missionária, cujo objetivo é suscitar a cooperação missionária *ad gentes* em suas diferentes maneiras, são informar, formar, promover eventos de sensibilização, motivação e compromisso junto ao Povo de Deus sobre a dimensão universal da missão.

A comunicação missionária é a alma da animação missionária, tão importante quanto a própria ação evangelizadora direta. Um evento ou uma atividade que não for bem comunicada não existe. Testemunhos de missionários e missionárias que dão a vida em situações limites de pobreza, de perseguição, de dedicação, de diálogo e de encontro com os outros, é um patrimônio que tem que ser divulgado, conhecido, admirado, e que gera atração, inspiração, vontade de entrega. Não se ama o que não se conhece, e o que não se conhece não desperta nenhum estímulo para uma conversão pessoal.

Por sua vez, a atividade de comunicação e informação deve ser sempre acompanhada pela formação, que tem como objetivo aprofundar, delinear, clarear os eixos fundamentais da ação missionária, assim como propor pistas e critérios de avaliação da própria evangelização. Para desempenhar essa função, “o ensino teológico não pode nem deve prescindir da missão universal da Igreja, do ecumenismo, do estudo das grandes religiões e da missiologia; recomendo que, sobretudo nos seminários e nas casas de formação para religiosos e religiosas, se faça tal estudo” (RMI 83).

Da mesma forma, a perspectiva *ad gentes* impulsiona decididamente um engajamento no *âmbito educativo* através de programas que trabalham a questão da interculturalidade nas escolas, nas comunidades e em outros ambientes formativos. Aqui vale lembrar o precioso contributo da infância, adolescência e juventude missionária, onde são os próprios jovens que se tornam protagonistas dessa ação educativo-evangelizadora. A educação intercultural, em suas várias dimensões, promete ser a resposta mais avançada a respeito das mudanças sociais contemporâneas e à consequente demanda por uma convivência baseada na cooperação, no intercâmbio, na aceitação da diversidade como valor e oportunidade para o crescimento democrático.

Os sujeitos da cooperação e da animação missionária

A cooperação e a animação missionária são essencialmente obras da Igreja local (cf. *RMI* 83), porque a missão *ad gentes* é dever fundamental de todo Povo de Deus no seu conjunto (cf. *AG* 35), de cada diocese e paróquia (cf. *AG* 37) e de cada um de seus agentes: bispos (cf. *AG* 38), presbíteros (*AG* 39); religiosos e religiosas (cf. *AG* 40), leigos e leigas (cf. *AG* 41). Por isso, todos são convidados a uma profunda renovação interior, “para que tomem viva consciência das próprias responsabilidades na difusão do Evangelho e assumam a parte que lhes compete na obra missionária junto dos povos” (*AG* 35). Na eleição da Igreja local como sujeito da missão (cf. *LG* 26), o Vaticano II se refere a ela não apenas como protagonista da missão territorial, mas também da missão universal. O adjetivo “local” não significa uma restrição da universalidade: ao contrário, indica o lugar no qual a universalidade deve concretamente se mostrar. Há, portanto, uma mútua inclusão entre Igreja local e Igreja universal.

A Igreja universal não é a soma das Igrejas locais (cf. *EN* 62), e nem é identificável com a Igreja de Roma. Trata-se de uma *dimensão* essencial da Igreja que se expressa na comunhão entre as Igrejas locais (cf. *DAP* 166). Se a Igreja é plenamente Igreja num contexto histórico definido, pelo princípio da encarnação, a mútua reciprocidade com as outras Igrejas é a garantia que essa concretude da Igreja local não se resolva no particularismo étnico e cultural, incapaz de amor católico (cf. *EN* 64).

No que diz respeito propriamente ao serviço de articulação e organização das iniciativas ligadas à missão *ad gentes*, a Congregação para a Evangelização dos Povos é o organismo central encarregado, por mandato pontifício, de dirigir e coordenar as atividades no âmbito universal. Tarefa deste dicastério é: ter direta competência nos assim chamados “territórios de missão” (cf. *RMI* 37a); providenciar missionários segundo as necessidades mais urgentes das regiões; organizar um plano de ação; emanar diretrizes para a evangelização; oferecer impulsos iniciais aos projetos missionários; coordenar a coleta eficaz de subsídios e distribuí-los segundo a necessidade de cada território (cf. *AG* 29; *PB* 85-92; *RMI* 75). Entretanto, no trabalho específico de animação e de cooperação missionária, a Congregação para a Evangelização dos Povos se serve especialmente das Pontifícias Obras Missionárias (POM):

- a) a *Obra da Propagação da Fé*, fundada por Paulina Jaricot em 1822, na França, que tem a tarefa de promover a cooperação missionária nas comunidades cristãs, particularmente nos jovens, nas famílias, nos idosos e nos enfermos;
- b) a *Infância e Adolescência Missionária*, fundada por Dom Carlos Forbin-Janson em 1843, na França, que tem como finalidade educar as novas gerações no espírito missionário;
- c) a *Obra de São Pedro Apóstolo*, fundada por Joana Bigard em 1889, na França, que se ocupa da formação do clero local nas Igrejas recém formadas;
- d) a *União Missionária*, fundada por Pe. Paulo Manna em 1916, na Itália, que tem como incumbência a animação missionária dos presbíteros, seminaristas, religiosos e religiosas, leigos e leigas.

As três primeiras obras foram declaradas “Pontifícias” pelo Papa Pio XI, em 1922. A quarta foi assumida pela Santa Sé em 1956. Desta maneira, tornaram-se patrimônio universal da Igreja.

Também em nível de Igreja local existem organismos eclesiais de coordenação e atuação em vários setores, direcionados para a missão *ad gentes*. Estas instituições trabalham em comunhão com a Congregação para a Evangelização dos Povos e se ordenam à Conferência Nacional dos Bispos.

- a) Em primeiro lugar, temos a *Comissão Episcopal para a Ação Missionária para as Missões*, que tem a tarefa de incrementar a evangelização *ad gentes*, a animação e a cooperação missionária na Igreja no país.
- b) Temos ainda as congregações de vida religiosa consagrada, as sociedades de vida apostólica e os institutos seculares com carisma especificamente *ad gentes*, e suas articulações junto à Conferência dos Religiosos e à Conferência dos Institutos Seculares.
- c) Contamos com organismos eclesiais como centros de animação e formação missionária; organismos de pastoral indigenista; pastoral dos migrantes e refugiados; as associações missionárias leigas, os padres *fidei donum* e os grupos missionários espalhados pelo país.
- d) Enfim, “para alcançar uma maior unidade e eficácia operativa na animação e cooperação, e para evitar concorrências e paralelismos, a Conferência Episcopal constitui um Conselho Missionário Nacional (COMINA), do qual se sirva para programar, executar e rever as principais atividades de cooperação em nível nacional”.²²

CONCLUSÃO

A sistematização dos âmbitos da missão que sugerimos e as perspectivas de engajamento que apontamos são, seguramente, provisórias. Contudo, é necessário tentar redesenhar um quadro ou um mapa que oriente nossos caminhos no emaranhado da complexidade de hoje. O risco é duplice: por um lado, podemos entender que uma determinada ação missionária é mais legítima do que outra; por outro lado, a representação que produzimos pode resultar, afinal, mais articulada do que a própria realidade. No entanto, o que quisemos dizer com esse ensaio, é que há muitas maneiras de viver a radicalidade do envio entre missionariedade fundamental e projetos missionários distintos, à luz da projeção *ad gentes*. Todo Povo de Deus é chamado a essa abertura e a participar dessa vocação, mesmo de diferentes maneiras e diferentes formas, todas elas essenciais, significativas e relevantes para o anúncio do Reino de Deus. É improrrogável uma convocação decidida de todos os batizados a assumir a missão segundo os diversos carismas.

A palavra “missão”, hoje em dia, não pode mais ser utilizada de maneira exclusiva para se referir a uma ação evangelizadora entre os não-cristãos (cf. *DAP* 375). O uso do termo no singular, no lugar de “missões”, foi progressivamente apontando para uma mudança da Igreja em todo seu ser e em todo seu agir, tão profunda que investe também a própria missão *ad gentes* numa transformação significativa. De fato, não podemos entender sua relevância para a vida eclesial, se não for bem relacionada à pastoral e à ação evangelizadora. Por outro lado, o compromisso da cooperação missionária com outras igrejas e outros povos, tem um enfoque específico que nunca se deve perder de vista (cf. *RMI* 34). A cooperação missionária *ad gentes* diz respeito a algo essencial e referencial para a renovação missionária de uma Igreja em saída.

Essa saída representa para a Igreja um contínuo renascer, um verdadeiro êxodo pascal de morte e ressurreição, uma dinâmica que não tem tempos e não tem fronteiras. Nessa saída a Igreja testemunha sua fé e encontra a si mesma no seu Senhor: “a intimidade da Igreja com Jesus é uma intimidade itinerante, e a comunhão ‘reveste essencialmente a forma de comunhão missionária’ (*ChL* 32). Fiel ao modelo do Mestre, é vital que hoje a Igreja saia para anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões, sem demora, sem repugnâncias e sem medo” (*EG* 23).

²² CONGREGAÇÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS. Instrução *Cooperatio Missionalis*, 1998, n 12.

Referências BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Joachim; LABONTÉ, Guy (Org.). *Caminhos para a missão*. Fazendo missiologia contextual. Brasília: CCM, 2008.
- BEVANS, Stephen B.; SCHOEDER, Roger P. *Diálogo Profético. Reflexão sobre a Missão cristã hoje*. São Paulo: Paulinas, 2016.
- BEVANS, Stephen B.; SCHOEDER, Roger P. *Teología para la Misión hoy*. Constantes en contexto. Madrid: Verbo Divino, 2009.
- BIFET, Juan Esquerda. *Misionología*. Evangelizar en un mundo global. Madrid: BAC, 2008.
- BOSCH, David. *Missão Transformadora*. Mudança de paradigma na Teologia da Missão. São Leopoldo, RS: EST/Sinodal, 2002.
- BRIGHENTI, Agenor. *A missão evangelizadora no contexto atual*. Realidade e desafios a partir da América Latina. São Paulo: Paulinas, 2006.
- BRIGHENTI, Agenor; ARROYO, Francisco Merlos. *O Concílio Vaticano II*. Batalha perdida ou esperança renovada? São Paulo: Paulinas, 2015.
- CNBB. *Missão e cooperação missionária*. Orientações para a animação missionária da Igreja no Brasil. Estudos da CNBB 108. Brasília: Edições CNBB, 2016
- COLLET, Giancarlo. *Fino agli estremi confini della terra*. Questioni fondamentali di teologia della missione. Brescia: Queriniana, 2004.
- COLZANI, Gianni. *Teologia della Missione*. Vivere la fede donandola. Padova: Messaggero, 1996.
- COMBLIN, José. *Teologia da Missão*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Missão no mundo pluricultural*. 3º Congresso Missionário Nacional. Memórias e perspectivas. Brasília, CNBB, 2013.
- DIANICH, Severino. *Chiesa in missione*. Per un'ecclesiologia dinamica. Cinisello Balsamo: Paoline, 1985.
- GIRARD, Marc. *A missão da Igreja na aurora de um novo milênio*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- KAROTEMPREL, Sebastian. *Seguire Cristo nella missione*. Manuale di Missiologia. Cinisello Balsamo: Paulus, 1996.
- MARTINI, Carlo Maria. *Quale prete per la Chiesa di oggi*. Milano: InDialogo, 2015.
- MENIN, Mario. *Missione*. Assisi: Cittadella, 2016.
- MONDIN, Battista. *Dizionario storico e teologico delle missioni*. Roma: Urbaniana, 2001.
- PALEARI, Giorgio. *Espiritualidade e missão*. São Paulo: Paulinas, 2001
- RASCHIETTI, Estêvão. *Ad Gentes*. Texto e comentário. São Paulo, Paulinas. 2011
- RESTORI, Memore. *A missão no Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015.
- RIGAL, Jean. *Il coraggio della missione*. Cinisello Balsamo: Paoline, 1988.
- SANTOS, Angel. *Teologia Sistemática de la Misión*. Estella: Verbo Divino, 1991.
- SEUMOIS, André. *Teologia missionária*. Corso de Teologia Sistemática. Bologna: EDB, 1993.

SIEVERNICH, Michael. *La missione cristiana*. Storia e presente. Brescia: Queriniana, 2012.

SIVALON, John C. *Il dono dell'incertezza*. Perché il postmoderno fa bene al Vangelo. Bologna: EMI, 2014.

SUESS, Paulo. *Introdução à Teologia da Missão*. Convocar e enviar: servos e testemunhas do Reino. Petrópolis: Vozes, 2007.

WOLANIN, Adam. *Teologia della missione*. Temi scelti. Casale Monferrato: Piemme, 1989.

WRIGHT, Christopher J. H. *A missão do Povo de Deus*. Uma teologia Bíblica da missão da Igreja. São Paulo: Vida Nova, 2012.

ZWETSCH, Roberto E. *Missão como com-paixão*. São Leopoldo: Sinodal, 2008.